

PIVÔ

MINISTÉRIO DA CULTURA, PIVÔ E QUALICORP APRESENTAM

CASA 7 NO PIVÔ

CASA 7 AT PIVÔ

CURADORIA/CURATED BY EDUARDO ORTEGA



CARLITO CARVALHOSA

FABIO MIGUEZ

NUNO RAMOS

PAULO MONTEIRO

RODRIGO ANDRADE



apoio institucional

Bloomberg

apoio cultural



patrocínio master

Ministério da
Cultura





Carlito Carvalho pintando - circa 1984 / © carlito carvalho
 Capa: Casa 7 - circa 1984 / © carlito carvalho

O programa **Fora da Caixa** revisita obras e projetos artísticos exibidos no passado e que agora permanecem guardados em acervos públicos ou privados. Procura-se assim investigar a produção artística dos últimos 50 anos e refletir sobre sua influência na atualidade, promovendo interlocuções possíveis com o panorama da produção contemporânea recente.

/
Fora da Caixa programme revisits works and art projects that were exhibited in the past and are currently stored in public or private collections. The idea is to examine the artistic production of the last 50 years and reflect on its influence today by promoting possible interactions with the panorama of recent contemporary production.

Esta exposição dá destaque aos anos de produção de 1984 e 1985 do grupo de artistas da **Casa 7**. A mostra reúne dois trabalhos - um esmalte sintético sobre papel kraft e um óleo sobre tela - de cada um dos cinco integrantes que formaram esse grupo: **Paulo Monteiro, Nuno Ramos, Fabio Miguez, Carlito Carvalho e Rodrigo Andrade**.

Esse foi o período em que o grupo atingiu sua consagração e representou também os dois últimos anos de convivência desses artistas no mesmo lugar.

A origem da Casa 7 se dá em 1982, quando um grupo de amigos do Colégio Equipe decidiu usar como ateliê a casa desalugada da mãe de um deles: a casa de número 7 localizada em uma vila na rua Cristiano Viana, no bairro de Pinheiros.

O grupo era originalmente formado por Rodrigo Andrade, Paulo Monteiro, Carlito Carvalho, Fábio Miguez e Antonio Malta, que se desligou do ateliê em 1983, mesmo ano em que Nuno Ramos uniu-se a eles.

Por que montar uma exposição de obras da Casa 7 hoje?

Pela ideia do coletivo, uma prática comum e ainda premente na arte contemporânea. Pela questão da autoria.

Quando os cinco artistas da Casa 7 não apenas compartilharam um espaço físico de criação, mas também produziram quadros muito parecidos, ocorreu uma fusão de intenções e uma certa diluição da individualidade autoral. Ainda que inconscientemente, eles provocaram essa discussão. A convivência no ateliê gerou uma explosão de ideias, discussões e influências compartilhadas, acontecimentos que transformaram a obra desses jovens artistas e terminaram por constituir uma identidade de grupo. Foi um coletivo que trazia como proposta a reafirmação da pintura – uma visão comum que se refletia na produção de obras próximas não apenas no que diz respeito às referências. Formou-se um extenso denominador comum nas obras desses artistas, ainda que assinadas individualmente. A amplitude dessa fusão abarca desde a escolha de técnicas até o uso de uma determinada linguagem plástica. Por que todos produziram pinturas de esmalte sintético sobre papel kraft simultaneamente em 1984? Por que houve a migração conjunta para o óleo sobre tela no ano seguinte? Pode-se explicar que eram materiais mais baratos e acessíveis naquele momento, mas também é inegável o fato de que houve uma decisão comum intencional. Nota-se também o rebatimento entre uma tela e outra da mesma paleta de tons escuros; a predominância de pretos, marrons e cinzas; as cores reba-

xadas; a rara aplicação da cor pura. Já na produção sobre papel, a paleta se abre. É pertinente em todos a densidade de massa pictórica, a abundância de matéria. Cada um criava a seu modo, porém todos brincavam com a linguagem abstrata, mesmo que dentro de uma figuração. Todos parecem deleitar-se com a composição saturada, a compressão máxima da matéria pictórica. Como fazer arte, o que fazer na arte, é afinal uma ideia só praticada por todos. Ainda que não fosse um discurso próprio do grupo na época, e talvez nem mesmo um objetivo, a autoria assumiu uma posição ambígua, uma postura fúgida da assinatura. Revisitar a produção da Casa 7 torna-se ainda mais relevante quando vista da perspectiva dessa questão da autoria, tão corrente na prática contemporânea.

Outro fator importante é o frescor, a juventude que reverbera nesses trabalhos, esse vigor passional e imaturo intrínseco às obras. Esses jovens artistas se formaram publicamente – vivenciaram um processo de formação pública. As coisas aconteciam no ateliê e eles as iam mostrando com uma atitude juvenil de se atirar, se expor e arriscar. Mostravam o acerto e o erro. Hoje fala-se muito do processo aparente na obra de diversos artistas, da relevância de as marcas do processo criativo estarem impressas no resultado final do trabalho. De certo modo, a produção da Casa 7 é análoga a essa questão uma vez que o trabalho traz

consigo os rastros do fazer. Aqui, mais ainda, isso se dá com a apresentação do trabalho em forma transitória, evidenciando o processo público de maturação da obra. Enquanto hoje essa abordagem do processo geralmente nos chega mais preparada, mais embalada em discurso, no caso da Casa 7 isso ocorria de uma maneira mais impulsiva, como um fazer e exibir espontâneo, meio catártico. Nesse aspecto, a Casa 7 é a gênese, a versão mais primitiva da interpretação atual do discurso do processo.

Por fim, é relevante a reafirmação da pintura de emplastro que eles tomaram para si, mesmo sob a pressão de um contexto artístico nacional que não apontava na mesma direção. Esses jovens artistas escaparam do caminho mais óbvio, que seria algum desdobramento do projeto construtivista brasileiro. O que eles trouxeram não foi uma resposta à tradição da arte concreta, um anticoncreto ou um neoconcreto ou um antineoconcreto. Tampouco desenvolveram uma continuidade de práticas conceituais e políticas aqui tratadas. Eles apresentaram um vocabulário outro, uma vertente independente. Obviamente, nada existe no vácuo, podendo-se facilmente traçar referências a esse corpo de trabalho, como por exemplo à pintura europeia, principalmente a alemã. No entanto, o que vale levar em conta aqui é a noção de possibilidades.

/
*The focal point of this exhibition is the output of the **Casa 7** group of artists from 1984 to 1985. The show brings together two works - one synthetic enamel on kraft paper and one oil on canvas - of each one of the five members of this group: **Paulo Monteiro, Nuno Ramos, Fabio Miguez, Carlito Carvalhosa and Rodrigo Andrade.***

Those two years is the period when the group earned high acclaim and were also the last years when these artists worked together in the same studio.

The origin of Casa 7 dates back to 1982, when a group of school friends from Colégio Equipe decided to use an unrented house owned by the mother of one of them as a studio: the house number 7 in a residential cluster on the street called Cristiano Viana, in the neighborhood of Pinheiros.

The original studio group consisted of Rodrigo Andrade, Paulo Monteiro, Carlito Carvalhosa, Fábio Miguez and Antonio Malta, who left in 1983, the same year when Nuno Ramos joined them.

Why putting up an exhibition featuring Casa 7's works today?

Because of the collective concept, a common and still pressing practice in contemporary art. Because of the authorship issue.

When the five artists of Casa 7 not only

shared a physical creative space, but also worked on very similar paintings, a fusion of intents took place combined with a certain dilution of the authorial individuality. Albeit unconsciously, they elicited such discussion. The experience of practising in a common studio triggered an explosion of shared ideas, discussions and influences. Such events brought about a transformation effect on the work of these young artists and eventually built up into the group's identity. The collective sought to reaffirm painting – a common vision reflected in their making works of akin approaches not only as regards the references. An extensive common denominator in the works of these artists took shape, even though signed by each of them. The extent of this fusion ranged from the techniques chosen to the use of a certain aesthetic language. Why did all of them come out with synthetic enamel paintings on kraft paper at the same time in 1984? Why did they all switched to oil on canvas in the following year? A justification for that may be the lower and affordable price of those materials at that time.

However, one cannot deny the fact that an intentional decision was made in common. It is also clear the softening from one painting to the other using the same dark color palette, the predominance of shades of black, brown and gray; the softened colors, the rare use of a pure color. On paper, on the other hand, the palette expands. A common element in all

of them is the pictorial mass density, the abundance of matter. Each artist keeps his own style while all of them play with the abstract language, even within the boundaries of a figurative representation. Everyone seems to revel in the composition saturated, in pushing the pictorial matter to maximum compression. How to make art, what to do in art, is after all one single idea practiced by all. Although it were not the group's own speech at the time, and maybe not even a goal, authorship takes an ambiguous stand, a fugitive attitude towards signing the painting. A new visit paid to the Casa 7 output becomes even more relevant when it is taken from the perspective of this authorship issue, so current in contemporary practice.

Another important factor is the freshness, youth that reverberates in these works, this passionate and immature vigor intrinsic to the works. These young artists learned their craft in public – they experienced a public education process. The events unfolded in the studio and they simply showed a youthful attitude to dive in, to expose themselves and to take risks. Showing the dos and don'ts. Today there is much talk of the apparent process in the work of many artists, the relevance of having the marks of the creative process stamped on the final outcome. In a way, the Casa 7's output is analogous to this issue insofar as traces of 'the making of' process are embedded in the work. This is heightened in this case for the works

are displayed as a transitional step in the process of becoming mature before the very eyes of the viewers. While today this process issue normally comes in a ready-to-use and speech style, it evolved more impulsively in Casa 7 as a more spontaneous way of doing and displaying things. It was nearly a catharsis. In this respect, Casa 7 is the genesis, the most primitive version of the current interpretation of the process speech.

Finally, reaffirmation of the plaster painting that they embraced is relevant, even under the pressure of a national artistic context that was not pointing in the same direction. These young artists have escaped the most obvious path, which would have been some offshoot of the Brazilian constructivist concept. What they have produced is not a response to the tradition of concrete art, an anti-concrete or neo-concrete or anti-neo-concrete art. Neither have they continued with their conceptual and political practices approached here. They presented a different vocabulary, an independent working line. Obviously, nothing exists in a vacuum. References to this body of work can be easily found, such as the European painting, especially German painting. What is worth taking into account here, though, is the notion of possibilities.

Eduardo Ortega

Pivô agradece aos seus mantenedores / Pivô thanks its maintainers

Andrea e José Olympio Pereira
Coleção Moraes-Barbosa
Elizabeth Dee
Fortes Vilaça
Galeria Luisa Strina
Galeria Nara Roesler
Georgiana Rothier e Bernardo Faria
Lilian e Luis Stuhlberger
Mendes Wood DM
Ronaldo Antonio Varela
Teckma Engenharia
Vera e Luiz Parreiras
White Cube SP

E o apoio generoso de / And the generous support of

Carlito Carvalhosa
Fabio Miguez
Nuno Ramos
Paulo Monteiro
Rodrigo Andrade
Alexandre Martins Fontes
Ana Maria Gitahy e Cao Hamburger
João Sattamini
Marcio Gobbi
Ricardo Akagawa
Museu de Arte Contemporânea de Niterói
Beth Santos
Jayme Vargas
Sofia Carvalhosa
Thiago Gomide
Paloma Bosquê
Gugu Steiner
Claudia Simone Pereira
Sarah Melo
Elisabete Rosmaninho
Oscar Cruz
Vania Toledo
Marion Strecker

João Carlos de Figueiredo Ferraz
Rejane Cintrão
Luiz Guilherme Vergara (MAC Niterói)
Marcia Muller (MAC Niterói)
Angélica Pimenta (MAC Niterói)
Daniel Rutkauska (Bolsa de Arte SP)
Geraldo Moreira (Bolsa de Arte SP)
Fernando Falcon
Rodrigo Cerviño Lopez

Equipe da exposição / Exhibition Team

Produção: Mariane Goldberg
Projeto expográfico: Tocoa Arquitetos
Restauração: Fernanda Tozzo

Equipe documentário / Documentary Team

Direção: Mariana Lacerda e Pio Figueirôa
Assistência de direção: Marcela Alvarenga
Fotografia: Pio Figueirôa
Realização: Bebinho Salgado 45
Imagens em Super 8: Zaba e Gisela Moreau
Fotografias de arquivo: Zaba Moreau,
Rodrigo Andrade e Carlito Carvalhosa
Fotografias Grande Tela / 18o Bienal Internacional de São Paulo: Arquivo Histórico Wanda Svevo / Fundação Bienal de São Paulo
Edição: Gabriel Dalonso
Lettering: Lorota

Equipe Pivô / Pivô's Team

Fernanda Brenner
Sandra Oksman
Lorena Vilela
Livia Benedetti
Matias Oliveira
Buda Brigadeiro
Sofia Lotti
Rita Silva